



## XXXV SALÃO de INICIAÇÃO CIENTÍFICA

6 a 10 de novembro

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2023: SIC - XXXV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2023
<b>Local</b>	Campus Centro - UFRGS
<b>Título</b>	Caracterização petrográfica no Complexo Jacurici, Bahia: um estudo do depósito de cromita e mineralizações de Cu-Ni associadas
<b>Autor</b>	GABRIELE BRAATZ BAPTISTA DE MATOS
<b>Orientador</b>	JULIANA CHARAO MARQUES

O Estado da Bahia abriga o principal depósito de cromita do Brasil. O Complexo Jacurici estende-se por mais de 70 quilômetros numa orientação norte-sul e é explorado pela companhia de Ferro Ligas da Bahia (FERBASA). Dentro dessa vasta faixa geográfica, encontramos uma série de corpos mineralizados, mas um deles - o Várzea do Macaco - se destaca por conter mineralização sulfetada de níquel e cobre. Essas mineralizações muitas vezes se encontram em porções associadas ao cromitito predominante, situando-se a uma profundidade de 10 a 20 metros acima e abaixo desse estrato. O objetivo é ajudar a definir com precisão as paragêneses minerais presentes e as condições que propiciaram a formação desses depósitos minerais. A pesquisa incluiu revisão bibliográfica preliminar e análises petrográficas detalhadas. As análises foram conduzidas com base em três lâminas retiradas do corpo mineralizado, empregando microscopia óptica e Microscopia Eletrônica de Varredura (MEV). Entre os principais sulfetos identificados, destacam-se a pirrotita, a pentlandita e a calcopirita. Na mineralização disseminada, esses sulfetos podem ser encontrados associados à cromita e até mesmo como inclusões dentro desse mineral. Intercrescimentos entre os sulfetos são comuns, e a pentlandita frequentemente se manifesta como exsoluções dentro da pirrotita. No entanto, a mineralização sulfetada em veios, caracterizada por um padrão venular, mostra uma associação diferente, incluindo minerais como carbonato, serpentina e mica magnésiana (flogopita), além da presença mais abundante de calcopirita. A origem desses padrões distintos ainda é objeto de estudo, mas acredita-se que a mineralização disseminada tenha origem magmática, enquanto o padrão venular possivelmente resulta de processos metamórficos ou hidrotermais. Este estudo continua em andamento, contribuindo assim para um entendimento mais profundo da geologia e dos recursos minerais desta região da Bahia.